

A FERTILIDADE DO CONCEITO DE TABU NA COMPREENSÃO DOS DISCURSOS DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA SOBRE O MAGISTÉRIO

GUERRA, Gisele Lopes – UERJ/FEBF
giza.guerra@gmail.com

Área Temática: Profissionalização docente e formação
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O texto apresenta algumas possibilidades do conceito de tabu desenvolvido em trabalhos de Freud (Totem e Tabu, 2000) e Adorno (Educação e Emancipação, 2006) para compreender os discursos sobre a profissão de professor, que expressam algumas dimensões da aversão em relação magistério e ao mesmo tempo são carregadas de admiração. No texto de Adorno, o foco principal são as razões para a aversão a carreira docente. Sua experiência com alunos recém formados mostra a repulsa pela profissão, mesmo que tenham sido empurrados pelas circunstâncias a carreira. Não encontrando justificativas reais para a aversão ao magistério na Alemanha da época, o autor conclui se tratar de razões subjetivas, de natureza inconsciente. Já em seu texto, Freud em diálogo com vários autores faz um retrospecto do surgimento do conceito de tabu como fruto evolução da organização da vida em sociedade. Segundo os seus estudos, a origem do termo “tabu” vem da Polinésia. A utilização deste termo remete a algo “sagrado”, “venerável”, “respeitável”. Por outro lado, também denota um caráter “misterioso”, “perigoso”, “impuro”. É esta ambivalência que faz com que os tabus sejam expressos em proibições e restrições e tem como função principal proibir, interditar. Ele representa uma barreira situada entre nossos desejos primitivos e a realização concreta destes desejos. O tabu seria o código de leis não escrito mais antigo do homem e pode ter uma relação fundamental com estes tabus primitivos, sendo o ponto de origem das proibições morais e das convenções atuais da sociedade. É provável que existam tabus – e pessoas fiéis às suas proibições - que ainda hoje contenham força capaz de despertar punições automáticas no aparelho psíquico, punições oriundas de um “poder divino” e punições infringidas pela própria sociedade, neste último caso segundo o princípio do evitamento da proliferação contagiosa. A aversão que hoje ainda verificamos com relação à profissão de professor tem esta marca, por isso ao escolher este referencial teórico assumimos também a importância do inconsciente para a constituição do ser professor, tais como suas experiências pretéritas no ambiente escolar, um conteúdo essencial que irá estruturar discursos e ações no e sobre o magistério.

Palavras-chave: Tabu; Formação de Professores; Freud; Adorno.

Introdução

O desprestígio da profissão docente é recorrente na sociedade brasileira, tanto como discurso quanto como prática. Os indicativos desse desprestígio, que não são difíceis de se constatar, mostram-se principalmente nas discussões sobre a precarização do trabalho docente que aponta para a perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e, sobretudo de respeito e satisfação no exercício do magistério hoje.

Pode-se dizer que na maioria das vezes que nos lastimamos ao constatar o “declínio da profissão docente” ressaltamos, em última instância, o fator econômico, que se encontra na base do processo de “decadência do magistério”, além das insatisfatórias condições de trabalho da rede pública, onde atua um contingente considerável de professores. Nossas críticas também espirram nos espaços de formação, que apesar das mudanças em busca de elevar a sua qualidade, ainda reproduzem hierarquias entre a prática e a teoria, entre a licenciatura e o bacharelado.

Se situarmos o desprestígio na esfera discursiva a contradição torna-se clara, pois se socialmente à carreira docente é conferida a responsabilidade em reformar a ética da sociedade, a profissão de professor é desvalorizada por diversos fatores dentre os muitos que poderia citar. As palavras de Linhares são emblemáticas a respeito da dualidade de concepções sobre o valor da educação:

uma unanimidade quase absoluta, carregada de propósitos ideológicos, dela fazem o remédio para todos os males. O outro lado da medalha é que este prestígio contrasta com certo descrédito da pedagogia como carreira universitária e como campo de conhecimento (LINHARES, 2001, p. 138).

Muitas pesquisas têm exaurido a desvalorização da profissão docente situando suas análises nas macroestruturas. A proposta que se desdobra aqui permite discutir o tema sob outro ponto de vista, através de alguns conceitos da Psicanálise com o suporte de também da Escola de Frankfurt e fazer um caminho alternativo ao pensar os discursos sobre magistério que os alunos do curso de geografia reproduzem. Estes discursos sobre o magistério são permeados por tabus criados no processo social de formação da nossa profissão e expressam algumas dimensões da aversão em relação à profissão de professor e ao mesmo tempo são carregadas de admiração.

Do tema ao problema

O tema é que pretendemos abordar é de uma riqueza impar, já que vamos tentar mapear como as construções coletivas a respeito do ser professor, seu valor social, função, riscos e gozos ajudam a construir opções profissionais em estudantes universitários.

Minhas experiências como universitária e professora oriunda do Curso Normal me conduziram a direcionar o meu olhar para a temática da formação de professores e algumas situações me incomodaram neste percurso. Vejamos então quais foram...

O ponto de vista acerca da profissão de professor que é socialmente construída, a figura do profissional de baixo *status quo*, nos impõe uma percepção vitimizante da carreira já na universidade. Não é sem justificativa que, sem contestação, se diga que existe uma clara hierarquização entre o bacharelado e a licenciatura, situação que senti como uma das grandes dicotomias dentro da graduação em Geografia enquanto estudante.

Além desta, outra dicotomia que preocupa a comunidade geográfica é aquela acerca da geografia humana X geografia física. Suas implicações não se tornam tão graves ao pesquisador, pois, em tese, este título é carregado de prestígio e autoridade. Porém, ser professor e acrescentando, formar professores possui uma autoridade menor e é visto como secundário na formação universitária, postura que se reflete no decorrer do curso, nas opções curriculares silenciosas que ignoram a docência, no trilhar das pesquisas acadêmicas, no dia-dia que respiramos na graduação. Todas essas situações abrem portas para duas questões básicas e que motivam a construção teórica esta pesquisa:

- Que julgamentos, filtros, pontos de vista, enfim, que tabus existem sobre a carreira de professor?
- Como estes tabus corroboram para a escolha da profissão docente por estudantes universitários? Trata-se mesmo de uma escolha ou ocorre por falta de opção (seleção negativa) num curso que é possível dupla titulação?

Objetivos

Ao decidir trabalhar com os discursos que produzem sentidos sobre o magistério, pretendo no decorrer da pesquisa identificar no discurso de estudantes ou candidatos a

licenciatura os tabus presentes acerca da carreira docente e explicitar como esses diferentes discursos, permeados de tabus, se articulam e contribuem na produção de sentidos sobre o magistério que envolve direta ou indiretamente as opções profissionais e ainda a formação de professores.

Neste momento, porém, o amadurecimento do referencial teórico se faz necessário e buscando este fim, procuramos justificar a fertilidade do conceito de tabu através das contribuições de Adorno e Freud para contextualizar os ‘filtros’ que regem a ação e o ato, ou seja, da palavra negativa, e apesar dela, a opção pelo curso de licenciatura em Geografia.

Justificativa

A escolha de uma profissão é fortemente permeada por fatores sociais, políticos, econômicos, sexuais, culturais etc assim como a prática educativa. Porém, o conteúdo inconsciente¹ desta escolha é pouco discutido, sendo estas representações relevantes à discussão da profissão docente, já que desde a mais tenra idade o ‘ser professor’ é vivenciado por nós, mesmo que na posição de alunos.

Exaltar a importância do inconsciente nas escolhas profissionais é a contribuição maior deste trabalho, que investe no caráter explicativo da categoria tabu como determinante de ações e reações de alunos ingressos na faculdade de Geografia a respeito do magistério como profissão.

Acreditamos no papel de destaque do inconsciente na estruturação de práticas, discursos e representações sobre o magistério dos estudantes de licenciatura, já que ao longo das experiências escolares adquirimos ‘filtros’ que funcionam organizando nossos saberes profissionais, definindo estratégias do dia-dia profissional e também produzindo representações profissionais, o foco da nossa pesquisa. Esses filtros são chamados de tabu (ADORNO, 2006) e pela discussão do conceito, Sobreira desenvolve categoria de auto-reflexão que “consiste na elaboração pelos professores (em formação) dessas experiências primitivas”, sendo o eixo para um currículo alternativo para a formação de professores. O

¹ Inconsciente para Freud é o conteúdo ausente, em um dado momento, da consciência, que está no centro da teoria psicanalítica. O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência, isto num sentido “descritivo” e não “tópico”, quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente.

No sentido “tópico”, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos recalcados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque originário e recalque a posteriori. (FREUD, 2000a.)

resultado deste processo é o esclarecimento interno e a constatação de contigüidades entre a história de vida pessoal e profissional, que pode reinstalar educação como via de emancipação. (SOBREIRA, 2004, p.1)

Apesar do novo horizonte que a psicanálise está oferece ao processo educativo, ela não pode fazer o papel de educação e não pode ser considerada salvação para todos os problemas educacionais e sim pode auxiliar no maior conhecimento do funcionamento mental e inconsciente dos sujeitos envolvidos nesse processo, o trabalho da educação é algo *sui generis*: não deve ser confundido com a influência psicanalítica e não pode ser substituído por ela. Como Enfatiza Millot:

Freud com conhecimento de causa, afirmava que era preciso incluir a psicanálise entre as profissões impossíveis, ao lado da educação e da arte de governar. As três repousam sobre os poderes que um homem pode exercer sobre o outro mediante a palavra, e as três encontram os limites de sua ação... no fato de que não se submete o Inconsciente - pois é ele que nos sujeita (1987, p.151).

Algumas interlocuções teóricas

A primeira interlocução teórica que iniciamos neste trabalho foi com o texto de Theodor W. Adorno “Tabus acerca do magistério”, pois toda a discussão que o texto do autor conduz versa sobre hipóteses para a aversão a carreira docente.

No artigo, Adorno descreve que sua experiência com alunos recém formados mostra a repulsa pela função de professor, mesmo que estes estudantes tenham sido empurrados pelas circunstâncias profissionais (a falta de alternativas) para a carreira. Não encontrando justificativas reais e palpáveis para a aversão ao magistério no contexto da Alemanha da época dos escritos deste ensaio, o autor conclui se tratar de razões subjetivas, de natureza inconsciente. Assim surge no texto o conceito de tabu, definido por Adorno (2006) como:

(...) sedimentação coletiva de representações que, de um modo semelhante àquelas referentes à economia, já mencionadas, em grande parte perderam sua base real, mais duradouramente até do que as econômicas, conservando-se, porém com muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo-se em forças reais. (p.98)

Citando como exemplo a pobreza do professor na Alemanha, que mesmo sendo referente ao passado, tem um peso sobre as identidades constituídas sobre o professor, o autor mostra a influência social deste tabu no presente.

No processo social da formação da profissão docente a figura do professor pelo prisma social transmite uma falta de seriedade em comparação com outras carreiras por variados motivos. Adorno recomenda e faz um exame do passado, achando as origens dos tabus ao magistério. O espanto constatado é que apesar de vivermos numa sociedade onde a barbárie se sobrepõe à cultura as raízes da ambivalência frente aos homens estudados estão na Idade Média. Nesta época a força da espada que tinham os cavaleiros medievais era muito mais valorizada do que a educação de um letrado capelão, assim permanecendo em alguns segmentos da sociedade.

Se com a revolução burguesa a cultura letrada torna-se cada vez mais valorizada, ainda houve momentos em que a força física resistia à divisão do trabalho, tornando o magistério suspeito apesar de sua função importante na sociedade. A não unanimidade da cultura letrada se traduz ainda na percepção dos analfabetos aos indivíduos letrados, pois sentem rancor e inferiorizados perante estas pessoas com alguma autoridade, desde que não sejam pessoas com poder.

Outras imagens que se tornam uma influência a imagem do professor é relacionada a crenças populares de que nos séculos XVII e XVIII os soldados veteranos eram aproveitados como professor, como também há antigas referências de professores como escravo.

Ao lembrar que a ambivalência com relação aos homens estudados é arcaica, Adorno questiona por que esta situação não ocorre com outras profissões intelectuais. Baseado no senso comum e no contexto local, ele explica que o magistério não se trata de uma profissão livre, ou seja, não está subordinada a disputa concorrencial, possui menores condições materiais e é uma carreira engendrada no serviço público. Portanto as características profissionais da carreira vão contra aos ideais burgueses ao se assemelhar com a nobreza devido à garantia de renda.

O questionamento sobre que poder a profissão docente possui também é posto em discussão no artigo de Adorno. Em relação a outras profissões o poder docente é inferiorizado já que ele ocorre sobre crianças, sujeitos civis não totalmente plenos e isso é uma paródia de outras formas de poder, como a exercida por juizes que detêm um poder real definido pela sociedade.

Para Adorno o complexo da aversão ao magistério deveria ser conversado entre todos os envolvidos: pais, alunos e professores com o objetivo de ser esclarecido. Porém, para ele, um esclarecimento meramente intelectual é inútil já que se trata de situações inconscientes. Há nesse sentido a necessidade de tratar das questões mais delicadas ainda na fase de formação dos professores, em vez de orientar a sua formação pelos tabus vigentes já que enquanto a escola não se ver livre dos tabus seu combate à barbárie tende ao fracasso.

Nosso segundo suporte teórico são as obras de Freud, particularmente “Totem e tabu”. Nesta obra o autor faz um retrospecto do surgimento do conceito de tabu. Em suas pesquisas o tabu “é o código de leis não escrito mais antigo do homem, anterior aos deuses e a qualquer religião” (FREUD, 2000b, p.16). Nossas proibições morais e as convenções pelas quais nos regemos podem ter uma relação fundamental com esses tabus primitivos.

O significado de tabu diverge em dois sentidos contrários: sagrado, consagrado X misterioso, perigoso, proibido, impuro. É, portanto um conceito de grande ambivalência já que se tratam de proibições em que há grande desejo de violar.

Nos estudos do psicanalista ele identifica alguns povos primitivos, como os polinésios, que estavam submetidos ao um grande número de proibições, como se fosse coisa natural e sem questionar o motivo (FREUD, 2000b, p.18).

Para os polinésios a fonte do tabu é um poder mágico atribuído à coisa ou pessoa e que pode transmiti-lo. Esse poder mágico não é igual em todos os tabus, depende do *status* do portador do tabu e seu efeito também depende do poder daquele que entra em contato. A razão dos rituais purificadores deve-se ao fato do tabu ser transmissível.

Existem pessoas que criaram tabus tão rigorosos pra si quanto os povos primitivos e que são consideradas pessoas obsessivas (com a ‘doença’ tabu). Por esse motivo ele fez um exame psicanalítico sobre a origem do termo e encontra algumas similaridades entre o tabu e a doença obsessiva.

A comparação do tabu com as proibições obsessivas dos neuróticos ajudam a esclarecer a natureza do tabu. Assim Freud define tabu como uma proibição imposta de fora e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos. Este desejo de violar o tabu persiste no inconsciente e aqueles que obedecem ao tabu têm uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe. Além disso, o tabu tem um poder mágico que lhe é atribuído e se baseia na capacidade de provocar a tentação e atua como um contágio por que

os exemplos são contagiosos e por que o desejo proibido no inconsciente desloca-se de uma coisa para outra.

Diante das considerações acima, em que medida o magistério é um tabu? Nossa investigação se inicia ao buscar a resposta que está impressa nos discursos de alunos de graduação em Geografia. Nossa investigação tem como ponto de partida a linguagem já que os registros de tabu que pretendemos investigar passam na e pela linguagem.

Consideramos que a linguagem é o veículo que expressa a dimensão destes tabus e não esta pode ser analisada sem a consideração de que é um fenômeno simbólico fundamental a vida do espírito e está relacionada ao inconsciente (LONGO, 2006, p.07). Toda a obra de Freud é permeada na correspondência inconsciente e linguagem, daí ser incoerente um estudo que se preocupa em estudar uma manifestação deste sem analisar a fala.

A complexidade desta tarefa reside no fato da fala destes sujeitos ser vascularizada pelas vozes da cultura de que eles fazem parte, dentro de uma sincronia em constante mutação, sem jamais atingir o equilíbrio.

O entendimento da condição da linguagem não gerar significados definitivos é relevante no estudo a ser realizado já que para ela falta uma verdade eterna, sendo também o sujeito um efeito da linguagem, uma reverberação, um precipitado na ordem do discurso, do qual não é mestre mostra o quanto o papel da linguagem.

Por outro lado, concebendo o psiquismo humano fissurado entre processo consciente e inconsciente, existe um saber (ignorado) do inconsciente que se manifesta no enunciado do discurso, ou seja, em seu avesso, no não dito do dito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. In Freud, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (IV)**. Rio de Janeiro: Imago, 2000(a).

FREUD, S. Totem e tabu. In Freud, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (XIII)**. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (b).

LINHARES, C. (org). **Os professores e a reinvenção da escola**: Brasil e Espanha. São Paulo: Cortez, 2001.

LONGO, L. **Linguagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1987.

SOBREIRA, H. G.; NASCIMENTO, A. S. **Sobre o magistério e sobre suas mortes no Brasil: aspectos históricos e teóricos**. In: VII Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Humanas e Sociais, 2004, Coimbra, Portugal. A questão social no novo milênio. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004, v. 1, p. 1-19.